



Fig. 1: Autora em frente ao Museu de Arte Moderna em Medzilaborce, 2003. Imagem: arquivo particular.

ARTIGO

O INACESSÍVEL POPULAR... E A TRAJETÓRIA DE ANDY WARHOL

ZUZANA TREPKOVÁ PATERNOSTRO
ABCA/RIO DE JANEIRO

RESUMO: O artigo *O inacessível popular* parte da megaexposição “Andy Warhol: Pop Art!”, em São Paulo, e tem como proposta refletir sobre a trajetória do artista e suas raízes eslovacas, explorando conexões pessoais e culturais existentes entre a autora e o artista Warhol. O texto rememora a visita da autora ao Museu de Arte Moderna de Medzilaborce, cidade natal da família Warhol, destacando aspectos da religiosidade ortodoxa e elementos da estética decorativa popular. Andy Warhol, apesar de ter se tornado um símbolo global do consumo e da reprodução em massa, teve origem humilde e foi marcado por influências maternas que moldaram sua estética tanto simbólica quanto serial.

Sua capacidade de transformar ícones inatingíveis em arte acessível ao público representa o cerne da *Pop Art*, ressignificando o consumo e a imagem no século XX. A autora sugere que a essência popular de Warhol transcende sua fama, tornando sua arte uma ponte entre o ordinário e o extraordinário.

PALAVRAS-CHAVE: Andy Warhol; *Pop Art*; ancestralidade; Eslováquia; arte contemporânea; reprodução em massa; religiosidade ortodoxa; Museu de Medzilaborce; consumo; imagem.

ABSTRACT: The article *The inaccessible popular* is part of the mega-exhibition “Andy Warhol: Pop Art!”, in São Paulo, and aims to reflect on the artist’s trajectory and his Slovak roots, exploring personal and cultural connections between the author and the artist Warhol. The text recalls the author’s visit to the Museum of Modern Art in Medzilaborce, the Warhol family’s hometown, highlighting aspects of Orthodox religiosity and elements of popular decorative aesthetics. Andy Warhol, despite having become a global symbol of consumption and mass reproduction, had humble origins and was marked by maternal influences that shaped both his symbolic and serial aesthetics. His ability to transform unattainable icons into art accessible to the public represents the core of Pop Art, redefining consumption and image in the 20th century. The author suggests that Warhol’s popular essence transcends his fame, making his art a bridge between the ordinary and the extraordinary.

TAGS: Andy Warhol; Pop Art; ancestry; Slovakia; contemporary art; mass reproduction; Orthodox religiosity; Medzilaborce Museum; consumption; image.



De maio ao fim de junho de 2025, São Paulo recebe a megaexposição “Andy Warhol: Pop Art!”, com cerca de 600 obras desse artista que quebrou paradigmas e influenciou não apenas a História da Arte, como o mundo da moda, a publicidade, o design e a indústria audiovisual do planeta. Apesar de eu não ser especialista em arte contemporânea, a presença dele, que tem sangue eslavo como o meu, reacendeu minha memória com lembranças bastante agradáveis e familiares, nem tão longínquas assim em razão da minha idade (81).

Conheço o trabalho de Andy Warhol (1928-1987) por ter estudado História da Arte. Da mesma forma que sei da importância dos trabalhos de Lúcio Costa (1902-1998), Oscar Niemeyer (1907-2012) e Cândido Portinari (1903-1962), como não reconhecer o talento e o fascínio que exerce um artista como este conterrâneo, ainda mais um quase contemporâneo?

No ato, recordei a visita que fiz com minha família, nos idos de 2003, ao Museu de Arte Moderna de Medzilaborce (*Múzeum moderného umenia Andyho Warhola a Spolocnosti Andyho Warhola v Medzilaborciach*)¹, pequena cidade da Eslováquia Oriental.

Por lá, existe uma ala permanente dedicada a Andy Warhol, nome artístico que o alçaria ao estrelato, sendo que o de batismo é Andrew Warhola Jr. Por sinal, Warhola é um sobrenome comum na Eslováquia, especialmente na região de Mikova, onde seu pai, Andrew Warhola Ondreii (1886-1942), e sua mãe, Julia Zavacky Warhola (1892-1972), nasceram e se conheceram. Ambos emigraram para os Estados Unidos na primeira década do século XX. Primeiramente, o patriarca atravessou o Atlântico sem a esposa e se estabeleceu na Pensilvânia, que, até hoje, abriga boa parte da comunidade eslava naquele país.

Operário, o velho Andrew lá se reencontrou com a mineração, algo frequente na ancestralidade do filho, visto que a Eslováquia é riquíssima em minérios como prata e cobre – metais

Fig. 2: Fachada do Museu de Arte Moderna em Medzilaborce. Imagem: domínio público.



explorados, desde o século XIII, por cunhadores de medalhas comemorativas utilizadas em coroações de reis da Europa Central², dadas como presentes a impérios, dentre os quais o Austro-Húngaro.

Seu salário de operário foi suficiente para buscar Julia, com quem se casou. Ela atravessou a Eslováquia, passando pelos Cárpatos, famosa cordilheira da Europa Oriental; em seguida, cortou a Polônia por Cracóvia, cidade histórica renascentista, até chegar ao porto de Gdansk (em polonês) ou Danzig (em alemão), um dos principais embarcadouros do mar Báltico.

Ao descer do navio, já na América, Julia teve com o marido três filhos homens. Andy foi o caçula. Talentosa, ainda na Europa ela trabalhou como decoradora³, especialmente de habitações feitas com madeira. Era o que havia de mais acessível à população.

Inclusive, no que tange à religião, em sua localidade, fronteira com Polônia e Ucrânia, a população eslovaca manteve-se fiel ao Cristianismo ortodoxo greco-romano, que traz singelas peculiaridades. Por exemplo: as igrejas, ao menos nas pequenas aldeias da Eslováquia Oriental, eram totalmente feitas com madeira⁴.

Até o prego marca a ausência de metais. Não por economia, mas pelo vínculo religioso – dessa forma, não se faz alusão àqueles que de fato, na crucificação, cravaram as mãos e os pés de Jesus.

Fig. 3: Fachada do Museu de Arte Moderna em Medzilaborce. Imagem: domínio público.



Fig. 4: A praça em Medzilaborce com escultura em homenagem a Andy Warhol. Imagem do arquivo pessoal da autora com familiares, 2003. Imagem: arquivo particular

Julia Warhola também pintava. Certamente despertou, no seu filho caçula, o interesse pela arte. Em seus desenhos proliferavam anjos, gatos (animais presentes em sua infância), que espocavam pelas ruas de Pittsburgh, cidade natal de Andy. No acervo do Museu de Arte Moderna, em Medzilaborce, deparei-me com um desenho original de um anjo em movimento a anunciar, para Maria, que ela tinha sido a escolhida para dar à luz o Messias. Impossível o ícone da *Pop Art* não ter bebido na fonte materna.



Daí a sua fixação ser passível de ser interpretada por Carl Jung (1875-1961), quanto aos ícones existentes na religião de seus ancestrais, em forma de *ikonostas* da religião ortodoxa bizantina.

Apesar de ter suas obras vendidas por bilhões de dólares, Andy Warhol viveu uma infância pobre. Seu pai morreu cedo. Albino, frágil e padecendo com múltiplos problemas de saúde, inclusive de visão, foi cuidado pela mãe e pelos irmãos mais velhos. Começou como designer, tentando desesperadamente emplacar em Nova York. E graças à sua imensa capacidade de produzir, e principalmente reproduzir, popularizou o inacessível.

Astros e personalidades até hoje venerados, como Marilyn Monroe (1926-1962), Elvis Presley (1935-1977), John Lennon (1940-1980), Jackie Kennedy Onassis (1929-1994), Mao Tsé-Tung (1893-1976) e Pelé (1940-2022), dentre outros, puderam ser consumidos em

larga escala. Como na cultura greco-romana, Warhol liderou uma liturgia de adoração à imagem. Com ele, famosos foram eternizados de forma chapada plana, quase sempre com fundo neutro ou dourado, sem profundidade e nem um pouco tridimensionais.

Eis a principal característica da *Pop Art*: se em Salvador Dalí (1904-1989), com quem conviveu e retratou, há uma profundidade desértica, Andy Warhol desprezou isso para partir para a reprodução sistemática, a propaganda pura, trazendo seres inatingíveis para bem perto do público. Isso, sim, é *pop* - popular, na acepção da palavra. Menos para os que têm mais e mais para os que têm menos.

Na velocidade da luz, a sociedade consumista o consagrou. Ele bem que se aproveitou disso. Até as sopas Campbell, que qualquer operário, como seu pai, podia tomar, por conta do preço, na genialidade de Warhol viraram obra-prima de valor incomensurável.

Seu temperamento histriônico, sua capacidade de se autopromover e a difusão do exagero o mantiveram, por 58 anos de vida, fiel às suas verdades.

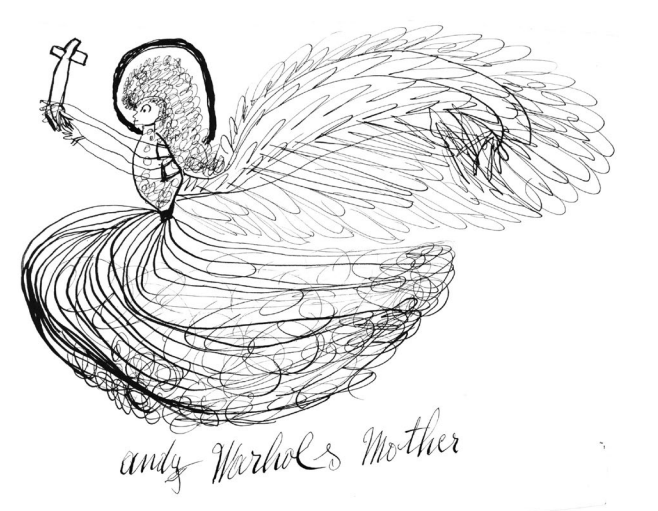


Fig. 6: Julia Warhola, 1952-1970. Anjo segurando cruz. Imagem: divulgação.

O inconsciente e a potencialidade criativa de Andy deveriam ter sido analisados pelo já citado Carl Jung, em vista dos vívidos painéis multicoloridos e das enormes telas que transbordam caos.

Hoje vejo que aquele *tour* que fiz, na minha terra, ao Museu de Arte Moderna local, me marcou para todo o sempre. Sugiro aos brasileiros que não se contentem somente com Praga, ou mesmo apenas com Budapeste, se estiverem na Europa Central. Visitem a instituição que homenageia Warhol, conheçam Medzilaborce. A Eslováquia, minha e de Andy, agradece.

Rio de Janeiro, 18 de maio de 2025.

Fig. 5: Escadaria do interior do Museu de Arte Moderna em Medzilaborce. Imagem: Ingrid Timková.

NOTAS

1 Museu fundado em 1991, como uma iniciativa conjunta de John Warhola, irmão do falecido Andy Warhol, da Associação de Amigos de Andy Warhol, bem como pela Fundação Andy Warhol para as Artes Visuais, em Nova York, e o Ministério da Cultura da Eslováquia.

2 A mineração e a existência de oficinas (guildas) de cunhagem é tradição secular. Faz parte da história do Império Austro-Húngaro as coroações de vários reis serem realizadas em Bratislava, em razão dos sitiamentos de Viena. Na ocasião foram cunhadas, em diferentes oficinas da Eslováquia, medalhas comemorativas e moedas em metais preciosos, distribuídas à população local de *Pressburg*, ou seja, Bratislava

3 A intervenção artística de Julia Warhola tinha o propósito de colorir a fachada das habitações populares da aldeia de Miková, quebrando a monotonia do suporte de madeira, com faixas coloridas de tinta, por vezes alternando com padrões repetitivos geométricos ou florais. É neste sentido que podemos classificar sua

atividade como decorativa. Prática comum na região central da Eslováquia, como exemplo de habitações civis na aldeia Čičmany, um *skanzen* passível de ser visitado – entenda-se, um museu ao ar livre.

4 A cidade de Miková faz parte da região com predominância do culto ortodoxo e de construções de suas típicas igrejas de madeira, onde, naturalmente, o ponto central situa-se no extenso painel representando rostos de santos padroeiros – os *ikonostas*.

REFERÊNCIAS

Byčko, Michal. “Andy Warhol”, Medzilaborce-Expozícia Bad Homburg. Berlin, 2003.

Hlinka, Jozef. *Bratislavské Korunovacie Medaily a Zetóny*. Editora Fontes, 1967.

Toranová, Eva. *Výrobky Domácich Zlatníkov a Pamiatky Zlatníckych Cechov V Zbierkach Slovenských Múzeí*. Editora Fontes, 1968.

<http://secao/gente-da-historia/identidade-eslava>

ZUZANA TREPKOVÁ PATERNOSTRO

Ph.D. em História da Arte. Concluiu doutorado na Faculdade de Filosofia da Universidade de Jan Amos Komenský, em Bratislava (Tchecoslováquia, 1975) e trabalhou no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (MNBA-RJ) até 2011. Curadora-chefe da Coleção de Pintura Estrangeira (1982-2006), destacou-se como especialista em pintura europeia antiga. É membro de associações de arte profissionais nacionais e internacionais: Conselho Internacional de Curadores de Arte Flamengo e Holandesa e membro da Comissão Autenticadora de obras de J. B. Debret (2006). Publicou livros e dezenas de artigos sobre Arte & Design em veículos especializados: *Výtvarný Život*, *Pravda*, *Vlastivedný Casopis*, *CODART Courant* e *Musas*.